

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

NASCIMENTO SOUZA, Michelle¹
SOUZA SANTOS, Kelen²

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como por objetivo em problematizar o funcionamento das práticas pedagógicas com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. O interesse por essa pesquisa emana das leituras e estudos realizados na Especialização Psicopedagogia Clínica e Institucional e das experiências vivenciadas na Graduação de Educação Especial – Licenciatura Plena na disciplina de Estágio Supervisionado/Dificuldade de Aprendizagem no sexto semestre, em uma escola municipal de Santa Maria-RS, referente ao tema Dificuldade de Aprendizagem na leitura e escrita: Práticas Pedagógicas tendo como pesquisas bibliográficas e aspectos teóricos do referido tema. Além das leituras realizadas, optou-se pelo eixo Intervenções Psicopedagógicas, usou-se como instrumento metodológico, fundamentação teórica baseada na perspectiva das Intervenções Pedagógica e a importância do especialista da psicopedagogia no contexto escolar, e, por fim, as considerações. Após pesquisas realizadas através de leituras, pôde-se constatar que algumas escolas não possuem profissionais capacitados para atender alunos com dificuldade de aprendizagem.

Palavras Chaves: Intervenções. Psicopedagogo. Dificuldade de Aprendizagem

1 INTRODUÇÃO

No decorrer desses doze meses do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Centro Universitário Internacional, diferentes experiências levou-me a vários questionamentos. Um dos conhecimentos que mais provocaram inquietações diz respeito a problemas de aprendizagem como um todo, pelo qual motivo culminou com outros conhecimentos construídos nas disciplinas relacionadas à dificuldade de aprendizagem, foi na disciplina Estágio Supervisionado/Dificuldade de Aprendizagem se percebia a escassez de profissionais capacitados para atender alunos que apresentam essas dificuldades,

¹ Michelle Aparecida Nascimento Souza, formação em Educação Especial Licenciatura Plena – Universidade Federal de Santa Maria e atualmente Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

² Kelen Conrado de Souza Santos, Psicopedagoga Clínica e Institucional (IBPEX); Especialista em EAD (IBPEX); Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização (Universidade Tuiuti do Paraná - UTP); Pedagoga (Universidade Tuiuti do Paraná - UTP); Orientadora de TCC do Centro Universitário Internacional UNINTER.

assim como o aluno que foi atendido, pois notei dificuldade na leitura e escrita, na concentração e atenção. Esses conhecimentos emergiram os maiores questionamentos sobre: “Qual a realidade das crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita?” Essas inquietações seguiram durante as observações e as práticas pedagógicas desenvolvidas no período do estágio em uma sala de aula do terceiro ano onde estava matriculado o referido aluno.

Tais experiências despertaram o desejo de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso pesquisando sobre a temática: “Dificuldade de Aprendizagem na leitura e escrita: Práticas Pedagógicas”

A partir deste tema, busca-se entender: “Como funcionam as práticas pedagógicas com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita”?

Para responder à problematização, traça-se como objetivo principal problematizar “O funcionamento das práticas pedagógicas com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita”.

Esta pesquisa deu-se pela necessidade de analisar a importância do especialista em psicopedagogia no âmbito escolar.

2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA

O termo Psicopedagogia curativa foi feito por Janine Mery (psicopedagoga francesa) no sentido de caracterizar a ação terapêutica dos fatores pedagógicos no tratamento de crianças com insucesso escolar.

O século XIX assinalou o interesse de inúmeros estudiosos em compreender e atender os portadores de deficiências sensoriais, debilidade mental e outros problemas relacionados à aprendizagem. Os pioneiros no tratamento das dificuldades de aprendizagem incluíram a necessidade de preparar pessoas a trabalharem em indústrias para atuarem em sociedade e o responsável maior para a atuação é a escola, a partir desse século os professores já tinham papel nessa época, somente alguns cidadãos tinham direito à escola, e quando começaram a surgir os problemas no interior da escola, quem eram preparados para resolver esse tipo de situação e interferir eram médicos e psicólogos. E começaram então a tratar dos problemas escolares.

Na bibliografia francesa as atividades influenciaram as propostas sobre a Psicopedagogia na Argentina, que por sua vez dominaram a práxis no Brasil.

Em 1904, Édouard Claparède³, famoso professor de psicologia, juntamente com neurologista François Neveu, estabeleceu nas escolas públicas as “classes especiais”, destinadas a educação de crianças com retardo mental. Esta foi a primeira iniciativa registrada de médicos e educadores no campo de reeducação. Em 1904 e 1908 iniciaram-se as primeiras consultas medico-psicopedagógicas, os quais tinham o objetivo de encaminhar as crianças para as classes especiais.

No final do referido século existia um tipo de preocupação e de entendimento com relação à necessidade de estudar, quais as pessoas teriam direito a esses estudos. Foi formada uma equipe medica-pedagógica pelo educador Seguin e pelo médico psiquiatria Esquirol e a partir daí a neuropsiquiatria infantil passou a se ocupar dos problemas neurológicos.

Nessa mesma época Maria Montessori⁴, psiquiatria italiana criou um método de aprendizagem destinado inicialmente às crianças retardadas.

A Psicopedagogia inscreve no âmbito pedagógico ante a necessidade de orientar o processo educativo, oferecendo um conhecimento mais profundo dos processos de desenvolvimento, maturidade e aprendizagem humana.

Em 1970 cria-se em Buenos Aires Centros de saúde Mental onde atuavam equipes de psicopedagogos que fazem diagnósticos e tratamentos.

Esses profissionais verificaram que após um ano de tratamento, tempo do retorno para controle, os problemas de aprendizagem estavam resolvidos, porém eram substituídos por graves problemas de personalidade: fobias, traços psicóticos, etc.

Em 1980 surgiu a Abpp⁵, uma associação sem fins lucrativos localizada na cidade de São Paulo. A partir do trabalho de um grupo de psicopedagogos e conseqüentemente da necessidade de dar identidade à Psicopedagogia no Brasil.

Pode-se dizer que a psicopedagogia teve uma trajetória significativa tendo inicialmente um caráter médico-pedagógico das quais, faziam parte da equipe do centro psicopedagógico, médicos, psicólogos, psicanalistas e pedagogos.

³ Neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória.

⁴ Pedagoga, pesquisadora e médica italiana, a criadora do “Método Montessori” que revolucionou o ensino na educação infantil.

⁵ Associação Brasileira de Psicopedagogia

3 A IMPORTÂNCIA DO ESPECIALISTA EM PSICOPEDAGOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

O especialista em psicopedagogia observa, analisa e investiga os diversos segmentos em todas as características próprias como, por exemplo: o desempenho das concepções, costumes, a instituição de ensino institucional, o procedimento da esquematização do trabalho, as convivências e as indagações metodológicas de instrução.

Dessa maneira, aperfeiçoa uma análise pensativa e avalia junto à equipe educativa e docente, com propósito de ajudar para a minoração dos problemas de aquisição de conhecimento.

Nesse instante na expectativa de Santos localizam-se cuidados que um psicopedagogo precisa possuir em sua atuação em uma entidade de ensinamento.

A partir de uma macro visão da instituição, como um todo, proporcionada através do diagnóstico psicopedagógico institucional que poderá tomar decisões mais acertadas nos momentos de crise. A previsão de tais momentos e as estratégias para evitá-los e ainda o adequado planejamento culminarão para o alcance dos objetivos da instituição. Evidencia-se assim, ser esta uma das atividades constantes. (SANTOS, 2010, p.1)

No que tange no momento em que começa o caráter assistencial, o referido especialista participa de equipes responsáveis pela preparação de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, levando aos professores, diretores e coordenadores reflexões que permitam reconsiderar a função da instituição frente a sua prática e às necessidades e demandas individuais de aquisição de conhecimento da criança. No centro de uma parcela de algumas ações, destacam-se: orientação direcionada aos pais, ajuda aos professores e outros profissionais nas indagações pedagógicas, colaboração com a direção para que ocorra um ótimo entrosamento em todos os integrantes da escola e, socorrer o aprendiz que esteja sofrendo, qualquer que seja o contratempo.

O experimento de mediação juntamente ao regente da turma, em um procedimento de associação, permite uma formação essencial e especialmente enriquecedora. Contudo apenas a intervenção do psicopedagogo com o regente da turma não é o suficiente ele também necessita interagir na gestão escolar, expondo seus objetivos, suas ideias e ter a participação em reuniões com os pais, conselhos

de classe, na instituição como um todo, averiguando o comportamento do professor e aluno, sempre objetivando estratégias e fundamentos para os desafios que surgem de conformidade com Bossa:

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processo de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança ou da própria ensinagem. (BOSSA, 1994, P.23)

O psicopedagogo logo após que busca seus propósitos compõe-se que o espaço escolar serve para propiciar meios para melhor compreensão para esse sujeito como carece e necessita. Dessa maneira a psicopedagogia se modifica sendo capaz de tornar um mecanismo poderoso no auxílio da aquisição de conhecimento

É viável enfatizar que na instituição convive-se com o ensinar e com o absorver:

[...]. Na instituição escolar, convive-se com o ensinar e com o aprender de uma forma muito dinâmica, não sendo possível, na prática, haver uma intervenção que recaia somente sobre o aprender. Para se fazer Psicopedagogia na instituição escolar, tanto de natureza preventiva, quanto remediativa, é necessário considerar que os protagonistas da ação educativa, em interação tornando concreta a unidade de ensinar/aprende. (BARBOSA, 2001, p.23).

Com relação ao pensamento do autor é significativo suceder trabalhos psicopedagógicos voltado não obstante aos alunos, como também aos professores, técnicos administradores, e pais (adultos que participam da unidade de ensino aprendizagem), isto é, voltado à escola. Dar importância à dificuldade do alunado é um exercício admirável para que a escola possa assumir seu papel na relação ensino/aprendizagem.

Sabe-se que o pensamento e o estudo não estão sendo adquiridos apenas na escola, também estão sendo edificados pela criança no contato dentro da família e no mundo que a cerca.

Os pais exercem uma missão primordial na formação do sujeito, portanto deixa e oportuniza a constituição de sua essencialidade. São através dos de estímulos que o indivíduo atinge suas origens e faz-se um ser com eficiência de elaboração de competências próprias, são os principais professores formadores da criança. Deles dependem em ampla parte a personalidade do adulto que a criança virá a ser; é na família que começa a construção de conhecimentos variados em que a sociedade é parceira para o auxílio da construção de seus conhecimentos, suas práticas, preceitos e valores.

No campo escolar a criança necessita encontrar estrutura para o seu desenvolvimento elaborado. Porém, os deveres não acontecem como deveriam em relação ao contexto escolar. As escolas têm sido um local de aparecimento de trocas de informações diversas e não de desenvolvimento de competências integrais do aluno, aptidões essas são primordiais na inclusão social. Entende-se o porquê da necessidade de compreender a função do psicopedagogo que é o progresso de desenvolvimento do ser humano sobre um pronunciamento de dados de que o conhecimento fosse uma receita pronta. Pode-se entender que informação passada para o sujeito se encontra em construção.

O desenvolvimento e o uso ativo de um contexto afetivo em sala de aula estão sendo fundamentais ao educando. O instituto precisa ser um local de bem-estar e amplificação de vontades e desejos, sobretudo que seja algo que desperte o interesse de aprender, conquanto que na instituição escolar a criança recebe formação cultural tornando-se parte de um todo.

Desde o ingresso da criança no âmbito escolar, é essencial que os pais possibilitem a ida de seu filho para esse novo espaço, caso contrário, a criança terá dificuldades de adaptação. A participação dos pais na vida escolar dos filhos é primordial e para aprender a participar não significa estarem todos os dias na escola ou dentro de uma sala de aula sentados em uma carteira de frente para o quadro e escrevendo mecanicamente e também estar ordenando a criança da realização das atividades propostas para fazer em casa. A escola veio para ocupar uma das mais notáveis funções da família, que é a inserção, a escola é o único lugar em que todos os alunos têm a possibilidade de interagir como iguais e em que se necessitam submeter continuamente a uma norma de convivência coletiva.

A manifestação do Psicopedagogo juntamente aos pais ou responsável pode-se auxiliar no desenvolvimento da criança que mostra dificuldade de aprendizagem,

obter um melhor conhecimento de dados sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social, entender o que a família reflete com relação ao desenvolvimento da criança é de ampla valia para chegar a um diagnóstico.

Como diz Bossa sobre o diagnóstico:

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um continuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia como vimos, numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito. (BOSSA, 1994, p.74)

Mudanças de endereços, a escassez de acesso de transporte, transferência de escolas e falhas psicológicas também podem ocorrer problemas de aprendizagem baseado no fato que o método de ensino de cada escola é distinto por isso surgem tais insucessos escolares. Essas situações se tratam da lentidão de raciocínio, carência de atenção e desinteresse nas atividades propostas pela professora. Esses fatores necessitam ser desenvolvidos para se obter melhor produtividade intelectual. Cabe ao psicopedagogo refletir em alguma estratégia que desperte a atenção e o interesse do aluno, algo que seja prazeroso, pois somente dessa forma o aluno terá uma produtividade melhor em seu aprendizado.

Os pais possuem funções decisivas no desenvolvimento dos conflitos neurológicos, não têm avaliação da tamanha dificuldade que a criança mostra por esse motivo que na maior parte das vezes quando chega à escola essa pede socorro de diversas formas, ou é subindo em mesas e cadeiras, batendo nos colegas, tais atitudes que a criança tem para chamar atenção para ganhar um abraço, um carinho, um beijo. Pois o que ela não tem na família ela busca na escola ou na sociedade

Souza em uma fala importante diz que:

Fatores da vida psíquica podem atrapalhar o bom desenvolvimento dos processos cognitivos, e sua relação com aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que atitudes parentais influenciam sobre maneira a relação da criança com o conhecimento. (SOUZA, 1995, p.58)

Sabe-se que uma criança somente aprende se ela tem vontade de aprender. O psicopedagogo é um investigador permanente, um sujeito que, a cada movimento,

ação e conduta enquanto profissional procura alternativas para os dilemas, tensões, limites que lhe surgem, vislumbrando sempre novas estratégias.

É de grande relevância salientar que a Psicopedagogia é uma área multidisciplinar que vem para acrescentar, trabalhando em conjunto com diversos profissionais que atuam em sua área de amplitude. O trabalho psicopedagógico é de execução e união, pois o psicopedagogo não trabalha sozinho, é preciso exercer em equipe com outros profissionais. O importante no trabalho psicopedagógico é trocar, ver de outra maneira, unir, construir, integrar, conviver, perceber multiplicidades, fazer inter-relações, conhecer, descobrir, compartilhar, identificar-se.

A importância e a competência deste profissional são de extremo valor no campo educacional. Colaborando significativamente com todos os envolvidos no processo de aprendizagem, pois exerce seu trabalho de forma multidisciplinar numa visão sistêmica. Defendendo a ideia de que se deve exercer uma prática docente em parceria, em equipe, onde todos deverão ter seu “olhar” e sua “escuta” para o sujeito da aprendizagem, contribuindo para uma aprendizagem duradoura, eficaz e significativa.

3.2 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A intervenção psicopedagógica deve estar voltada nas necessidades da criança.

O trabalho psicopedagógico se desenvolve a partir de atitudes investigativas, desde o motivo da entrevista até a intervenção, é preciso ter uma percepção atenta no sujeito e ser criativo.

Vygotsky afirma que o desenvolvimento e a aprendizagem o qual está ligado ao outro, sendo este último, possibilita o despertar dos processos internos de progresso pelo qual motivo ocorre graças ao ambiente cultural. Para ele, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações Inter e intrapessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação.

De acordo com Vygotsky (2003, pp. 58 – 65):

A zona de desenvolvimento proximal é o caminho que vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento, e que virão a serem funções consolidadas, ou seja, a criança irá aprender sob a supervisão de outra criança ou adulto que já domina esse saber e a zona de

desenvolvimento potencial é determinada por aquilo que a criança ainda não domina, mas é capaz de realizar com ajuda de alguém mais experiente, fazendo-a entrar na zona de desenvolvimento real em relação ao novo. Exemplo: aprender a escrever. A criança sabe “desenhar símbolos” que correspondem a palavras, imitando a escrita do adulto, mas sem relação com conteúdos ou informações (zona de desenvolvimento real). Trabalhar com ela a necessidade de se utilizar marcas diferentes em sua escrita, de modo a relacionar ao conteúdo memorizado (zona de desenvolvimento proximal) capacita-a a descobrir a natureza instrumental da escrita e, em seguida, assimilar os mecanismos simbólicos da escrita de sua cultura (zona de desenvolvimento proximal) que, ao serem consolidados, passam a fazer parte da zona de desenvolvimento real.

Através das intervenções psicopedagógicas por meio de atividades lúdicas os educandos acabam sendo desafiados a produzir e oferecer soluções às situações-problemas impostas pelo psicopedagogo, além de desenvolver a interação social e a troca de experiências e vivências.

A proposta do lúdico é essencial, visto que constitui uma forma prazerosa em aprender e possibilita à criança desenvolver suas capacidades e habilidades de modo amplo. Durante o jogo é possível observar diferentes situações relacionadas à atenção, concentração, raciocínio lógico e noção espacial, regras, tolerância, frustração, como o sujeito lida com o erro e o não saber, entre outros.

Para aprender, o aluno precisa estar apto a fazer um investimento pessoal no sentido de renovar-se com o conhecimento. Implica um movimento que envolve tanto a utilização dos recursos cognitivos mesclados com os processos internos, quanto com suas possibilidades sócias afetivas. Vale dizer que a aprendizagem vai acontecendo à medida que o educando vai construindo uma série de significados, pois são resultados das interações que ele fez e continua fazendo em seu contexto social.

Conforme Almeida (1998, p. 35):

Aproximando-se da perspectiva de aprendizagem relata que os objetivos da aprendizagem lúdica, além de explicarem as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural e psicológico, enfatizam a libertação das relações pessoais possíveis às técnicas para as relações reflexivas, criadoras, inteligentes, fazendo do ato de educar um compromisso consciente, intelectual, de esforço sem perder o caráter de prazer, de satisfação.

Dessa forma o educando constrói a aprendizagem sem sair do seu mundo do seu contexto, da sua realidade, pois toda criança precisa do brincar, e se esse aprender for associado a suas vivências e ao brincar, torna-se mais atraente e fácil à assimilação de diferentes conhecimentos. O lúdico também é um dos motivadores

na percepção e na construção de esquemas de raciocínio. Segundo Goulart (2000, p.27):

O educador deve colocar-se na posição de facilitador da aprendizagem, colocando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto, ele deverá estabelecer com seus alunos uma relação de ajuda para atitudes de quem ajuda e de quem é ajudado, respeitando a dignidade do aluno, tratando-o com compreensão e ajuda construtivo, desenvolvendo na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma a resposta para seus problemas, tomando-a responsável e, conseqüentemente, agente de seu próprio processo de aprendizagem.

Diante da teoria do autor, o psicopedagogo precisa estar com o olhar direcionado na construção do conhecimento das crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem fazendo da sua prática pedagógica, uma busca constante de novos saberes. Conforme Freire (1996, p. 134):

A coisa fundamental na vida é trabalhar para criar uma existência que transborde da vida, uma vida que seja muito bem pensada, uma vida criada e recriada, uma vida que seja feita e refeita nessa existência. Quanto mais faço alguma coisa, mais êxito. E, eu existo com muita intensidade.

Dessa forma, acredita-se que a intervenção psicopedagógica não vem somente de melhores teorias, materiais mais adequados ou de informações mais acessíveis aos educadores, e, sim da sua situação no tempo, de acompanhar a evolução e exigências da sua época em que estamos vivendo.

O desenvolvimento do sujeito se faz a partir da interação com grandes variedades de fatores ambientais. O foco da teoria é uma relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais.

Para reflexão dos leitores o autor mencionado acima nos faz raciocinar em uma de suas escritas:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais, políticas, culturas e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que obstáculos não se eternizam. (Freire, (1996) apud Leal e Nogueira (2012, p. 47)).

No referido pensamento do autor, se faz entender que o psicopedagogo precisa estar atento aos alunos, quando esses através de obstáculos que surgem perante as crianças, a partir daí que o especialista em psicopedagogia atua, mostrando a esses indivíduos que eles podem destruir barreiras, desviar de obstáculos através de intervenções, demonstrando interesse com incentivo do

psicopedagogo, dessa forma quando se tem essa compreensão, torna-se um melhor rendimento escolar dos alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem.

3.3 METODOLOGIA

Utilizou-se como ferramenta teórico-metodológica a concepção da dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita: Práticas Pedagógicas.

A realização desta pesquisa traz como problema: “como funcionam as práticas pedagógicas com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita”? E objetiva: problematizar “o funcionamento das práticas pedagógicas com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem”, obteve a definição da temática, do problema, e do objetivo da pesquisa a partir das experiências vivenciadas e de alguns questionamentos que afloram durante o curso conforme já descrito. Definição da metodologia - pesquisa de cunho bibliográfico, com intuito de buscar teorias relacionadas ao deferido tema. Para Fonseca (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teórico já analisado, e publicado por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, paginas da web sites [...]”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar esta pesquisa que abordou a Dificuldade de Aprendizagem na leitura e escrita: Práticas Pedagógicas pode-se compreender a realidade de crianças que apresentam essas dificuldades, qual seja o uso da Intervenção Psicopedagógica, pois alunos na maior parte das escolas municipais não estão contemplados com essas intervenções e os recursos necessários ao atendimento dessas crianças.

Mas por que pesquisar essa temática? Para responder meus questionamentos relacionados à dificuldade de aprendizagem, bem como para obter a percepção de que a criança que apresenta a referida dificuldade necessita de novos recursos através de intervenções e práticas pedagógicas de profissionais capacitados.

Considera-se através deste trabalho, o processo da leitura e escrita que é um dos problemas enfrentados por alguns alunos, traz certa preocupação uma vez que pedagogos percebem a necessidade de maior conhecimento sobre Intervenções Psicopedagógicas e Práticas Pedagógicas, adaptação dos métodos de ensino aos alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita. Diante de estudos e leituras realizados, verificou-se que a maior parte das escolas recusa a ser adequada ao processo de aquisição da leitura e escrita vista à escassez de profissionais capacitados para realização de intervenções psicopedagógicas e práticas pedagógicas para essas crianças, cabe salientar que a dificuldade de aprendizagem apresentadas em alguns alunos torna-se cada vez mais urgente, não como um mero instrumento para ensinar matérias, mas como parte de algum método novo de ensino e que os professores não ignorem as dificuldades apresentadas em algumas crianças. Esta pesquisa teve por finalidade analisar o contexto histórico da Psicopedagogia e o funcionamento das práticas pedagógicas com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, com a qual se pode concluir que há a necessidade urgente de proporcionar aos professores e alunos os conhecimentos necessários para a prática de Intervenções Psicopedagógicas e Práticas Pedagógicas para crianças que apresentam Dificuldade de Aprendizagem.

Todas as ações e produções do psicopedagogo, por serem humanas, estão sempre em desenvolvimento de permanente abertura, colocadas num prisma próprio para novas interpretações e busca de significados e sentidos, situados num movimento incessante de desconstrução e de reconstrução.

O indivíduo deve ser considerado como um ser interativo ativo no seu processo de construção do conhecimento. O Psicopedagogo por sua vez deverá assumir um papel fundamental nesse processo, como um sujeito mais experiente. Por essa razão cabe ao profissional de Psicopedagogia considerar o que a criança já sabe sua bagagem cultural, é muito importante para a construção do conhecimento. O Psicopedagogo é o mediador da aprendizagem facilitando-lhe o domínio e a apropriação dos diferentes instrumentos culturais.

O processo ensino aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade e são faces de uma mesma moeda. A relação professor/aluno é um fator determinante para o conhecimento da criança para tornar esse processo mais produtivo e prazeroso, nesse caso o professor deverá orientar planejar e testar atividades

adequadas aos alunos inseridos em sala de aula e que promovam entrosamentos mais produtivos entre os trabalhos aplicados.

Diante das teorias citadas, sugere-se uma reunião com pais a fim de oferecer psicólogos e intervenções com psicopedagogos às crianças como um apoio psicológico e psicopedagógico necessário neste primeiro momento, atividades lúdicas a que venha desenvolver interação, autoestima, e principalmente a concentração dos alunos, com isso um melhor desenvolvimento no desempenho das intervenções psicopedagógicas.

Em suma, para beneficiar o aprendizado dos alunos com dificuldade, é significativo classificar, apresentar o contexto, modificar. O conhecimento é, geralmente, um desenvolvimento extraordinário. Cada aprendiz tem sua própria maneira de compreender, mesmo que possa ser digno pelo estudo. O ensino-aprendizagem, por sua vez, deve ser um método dialógico. É através da conversa que o regente da turma deve conhecer seus alunos, perceber como ele reflete e, apenas dessa forma, pode-se raciocinar a respeito das alterações necessárias no processo para favorecer seu desenvolvimento. É necessário auxiliar o educando a determinar vínculo por meio do conhecimento recente e o que já sabe. É considerável, também, reconhecer o que ele sabe executar satisfatoriamente, para que desenvolva o envolvimento de autoconhecimento e sinta-se estimulado a encarar os obstáculos.

Pensar, sentir e agir é o caminho para a aprendizagem verdadeira. Quando o conhecimento é elaborado no intelecto, passa pelo sentimento e determina uma vontade, aí sim, ele não desgruda mais do indivíduo.

Realizar este trabalho trouxe aprendizado, pois através de estudos, leituras e orientações, adquiriu-se conhecimento a respeito das dificuldades que alguns alunos enfrentam na maior parte das escolas.

O professor necessita assumir a função de mediador do conhecimento, dispondo de oportunidades no qual o aluno seja ouvido, e que possua voz e vez. Com esse motivo, haverá uma troca de informações e uma progressividade na aprendizagem.

Enfim, a pesquisa realizada respondeu aos questionamentos sobre a temática Dificuldade de Aprendizagem na leitura e escrita: Práticas Pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 9. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

ARANHA, Maria Salete. Fábio. **Ensinando na diversidade: reconhecendo e respondendo as necessidades especiais** / Coordenação geral: SEESP/MEC; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

BARBOSA, Laura. Monte Serrat. **A Psicopedagogia no Âmbito da Instituição Escolar**, Curitiba: Expoente, 2001.

BOSSA, Nádía. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições á partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CAGLIARI, Luís Carlos. **O príncipe que virou sapo. Considerações a respeito da dificuldade de aprendizagem das crianças na alfabetização**. In Cadernos de Pesquisa, nº 55. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1987, PP 50 – 62.

FERRERO, Emília. **Alfabetização Em Processo**, 15ª Edição --São Paulo: Cortez, 2004.

FONSECA, João. José. Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Maria Montessori**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/maria_montessori>. Acesso em: 22 nov. 17.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. FREIRE, Paulo. (Org.). In: **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 21-33.

GOULART, Íris. Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HEMELINE, Daniel. **Édoard Claparède**. Daniel Hameline; Izabel Petraglia, Elaine T. Dalma Dias (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4666.pdf>> Acesso em: 22 nov. 17

SANTOS, Marinalva. Batista. **dos. Quem é o psicopedagogo institucional numa instituição de nível superior?** Disponível em: C:\Users\Michelle\Desktop\Psicopedagogia\Quem é o psicopedagogo institucional numa instituição de nível superior.html. Acesso: em: 22 Nov. 2017. São Paulo: Loyola, 1998.

SOARES, Magda. **Sociedade e Escola numa perspectiva social.** 17. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOUZA, Audrey Setton Lopes. **Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica e proposta diagnóstica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente.** 1 ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1987.